



**Myrella Santana** é formada em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi candidata a vereadora na cidade do Recife, em 2020, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Atualmente integra a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, a Articulação Negra de Pernambuco e é diretora operativa da Rede Internacional de Jovens LGBTQIA+. Se identifica como mulher negra bissexual.

---

**O que é o preconceito (racial ou de gênero) para você?** É o ato de você odiar o outro apenas e somente pelo que ele é, descrevendo da forma mais simples, claro. Todo preconceito é uma forma de violência contra uma determinada população, que está subjugada economicamente, socialmente e politicamente a outra. Nesse processo de discutir como essas violências se dão, é importante nomear cada uma delas para entender quem são os sujeitos responsáveis, ao invés de jogar tudo no grande guarda-chuva chamado preconceito. O de gênero chamamos de machismo, o de raça de racismo e a LGBTQIAP+fobia de homofobia ou transfobia (dependendo de qual grupo estamos nos referindo, claro), quando nomeamos, estamos não apenas apontando quem são as vítimas, mas também os agressores.

**Você já vivenciou ou sofreu alguma atitude de preconceito (racial ou de gênero)?**

Eu sou uma mulher negra bissexual vivendo em uma periferia na Zona Oeste da cidade do Recife, eu não conheço outro mundo que não seja o da violência. O racismo chegou primeiro, antes mesmo do machismo ou da LGBTQIAP+fobia me encontrar. Eu lembro que eu tinha 4 anos quando disseram que meu cabelo era bombril e meus dentes de cavalo, os anos foram passando e logo foram me dizendo o que eu poderia ou não fazer ou quem eu poderia ou não

amar. Hoje eu tento experienciar o mundo da forma mais humana que consigo, mas o racismo, o machismo e a LGBTQIAP+fobia não me deixam esquecer por um segundo quem eu sou.

**O que o Movimento de Mulheres Negras representa para você?**

O movimento de mulheres negras é caminho e possibilidade. Caminho porque eu sei que eu só consigo caminhar porque outras mulheres negras pavimentaram esse solo para eu andar e por isso tenho responsabilidade de fazer florescer para que as outras que virão possam caminhar mais leve. Possibilidade, porque nós somos o passado, o presente e o futuro deste país. Somos o maior grupo demográfico existente no Brasil e temos um projeto de nação. Quando o meu mundo desaba é sempre outra mulher negra que o levanta, ninguém nunca vai me acolher como as mulheres negras me acolhem e me cuidam. Além de tudo e acima de tudo, ser do movimento de mulheres negras me lembra que eu sou humana.

**Por ser um ambiente majoritariamente composto por homens brancos e cisgêneros, em algum momento, o teu histórico de defesa das pautas raciais, de gênero e em defesa da comunidade LGBTQIA + , te fizeram ter medo de entrar na política?**

O tempo inteiro. Sou ativista porque o medo e a raiva também movem. Fui uma das candidatas mais jovens na cidade do Recife em 2020 e foi assustador à violência que sofri desde os espaços institucionais até mesmo a dinâmica de campanha na rua. Se ser uma mulher negra bissexual já me faz ter, o tempo inteiro, o alvo apontado pra mim, imagina ser tudo isso e militante? Continuo por não estar sozinha, como disse Margarida Maria Alves, “medo nós tem, mas não usa”.